

RICHARD BAXTER

O DESCANSO
ETERNO
DOS SANTOS

Shedd
publicações

SUMÁRIO

Prefácio	9
Ilustrações	12
Abreviaturas	12
Ensaio introdutório	15
1. O texto explicado	51
2. A definição desse descanso	55
3. O que esse descanso pressupõe	59
4. O que há nesse descanso	67
5. Os quatro grandes preparativos para nosso descanso	81
6. Esse descanso mais magnífico, descoberto pela razão	91
7. As maravilhas de nosso descanso	99
8. A descrição do povo de Deus	129
9. A verdade indubitável desse descanso comprovada pelas Escrituras	133
10. As razões por que esse descanso está por vir, e por que ele não é desfrutado aqui	137
11. As almas que já partiram desfrutam desse descanso antes da ressurreição, ou não	143
12. Uma exortação para ajudar os outros a alcançar esse descanso	147

13. Motivos para uma vida celestial	161
14. Alguns obstáculos para a vida celestial	181
15. Alguma ajuda geral para a vida celestial	193
16. A descrição da grande responsabilidade da contemplação celestial	203
17. Quanto ao momento e ao lugar mais apropriado para essa contemplação, e a preparação do coração para ela	211
18. A consideração como instrumento dessa responsabilidade; e que força ela tem para mover a alma	221
19. Que sentimentos devem ser produzidos, e por meio de quais considerações e objetos, e em que ordem	225
20. Por quais ações da alma se deve prosseguir nesse trabalho da contemplação celestial	233
21. Algumas vantagens e ajuda para engrandecer e influenciar a alma por intermédio dessa meditação	237
22. Como conduzir e guardar o coração ao longo de todo esse trabalho	247
23. A síntese, ou resumo de tudo	253
24. A conclusão	257
Notas	263

O TEXTO EXPLICADO

Na queda de Adão, perdemos não só nosso interesse em Deus e no desfrutar real dele, mas também todo nosso conhecimento espiritual a respeito dele e a verdadeira disposição a tal felicidade. O homem tem agora um coração muito adequado a sua condição atual: estado degradado e espírito vil. E quando o Filho de Deus vem com a graça regeneradora, e descobertas, e propostas de alegria e de glória eternas e espirituais, ele não encontra fé no homem capaz de acreditar nisso. Mas, assim como o homem pobre é incapaz de acreditar que alguém seria capaz de ter a soma de dez mil reais, também os homens dificilmente acreditariam agora que haja tal felicidade como a que outrora tivera, e muito menos que Cristo agora nos busca [...].

O apóstolo dedica a maior parte de sua carta para combater esse destempero. Meu texto é sua conclusão, seguindo argumentos profundos; uma conclusão muito útil para todo cristão, aquele que tem o fundamento para todo seu conforto, o fim de todas suas responsabilidades e sofrimentos, a vida e a essência das promessas do evangelho e dos privilégios cristãos, para que você perceba facilmente por que fiz com que esse fosse o assunto deste meu presente discurso. O que poderia ser mais bem-vindo para os homens, sob o fardo das aflições pessoais, tarefas cansativas e sucessões de sofrimentos, que o descanso? Que notícia poderia ser mais bem-vinda para os homens, sob a influência de calamidades públicas e em-

pregos desagradáveis, bem como sob o peso de pilhagens, de perdas e de acontecimentos tristes — o que é comum a todos nós — que o descanso? Ouvintes, oro a Deus para que dediquem sua atenção, sua intenção de espírito e seu acolhimento, para que vocês dediquem, pelo menos, metade de sua resposta à verdade, à necessidade e à maravilha deste assunto para, desse modo, ter razão de louvarem a Deus enquanto viverem, se escutarem essa mensagem e, como eu, sempre a estudarem.

O texto refere-se à afirmação do apóstolo em toda uma proposição [...]: “Portanto”, i.e., claramente se refere à afirmação a seguir: “resta ainda” — como o acordo resta ainda depois da determinação; a execução depois da promessa; o antítipo depois do tipo, e o fim derradeiro depois de todos os meios — um descanso “para o povo de Deus”. Deus tem um povo duplo na igreja: um que é apenas dele, pela vocação comum; e o da aliança, santificado pelo sangue da aliança, a fim de ficar separado dos inimigos declarados de Cristo; e todos sem a igreja que, nesse sentido, não deve ser considerada comum e impura, como o são os judeus e os pagãos; mas, em grande medida, sagrados e santos, como a nação dos judeus e de todos os prosélitos gentios é santa, antes da vinda de Cristo. Estes são chamados de ramos infrutíferos e, portanto, deverão ser cortados. [...] Mas Deus tem um povo particular que é seu por vocação especial, pela aceitação cordial de Cristo, que tem aliança interna e sincera, e é santificado pelo sangue da aliança e pelo Espírito da graça, para que não apenas sejam separados dos infiéis declarados, mas também dos cristãos não regenerados, tornando-se ramos em Cristo e dando frutos; e para estes resta ainda o descanso em meu texto.

Ser o povo de Deus sob seu domínio é fato para todas as pessoas, até mesmo para seus inimigos declarados; ser do Senhor por meio da aliança verbal, da profissão de fé e do chamado externo é fato para todos que estão na igreja visível e pertencem a ela, até mesmo traidores e inimigos secretos; mas ser do Senhor por eleição, por união a Cristo, pelo interesse especial, é propriedade particular daqueles que terão esse descanso. [...]

Esse descanso é para o povo de Deus graças à certeza, ou apenas graças à possibilidade? [...] A promessa é para os crentes, e eles podem saber (embora de forma imperfeita) que são esse povo; apesar de haver a condição de superar, de permanecer em Cristo e de resistir até o fim, ainda que essa condição tenha sido totalmente prometida, ela ainda continua absolutamente certa por causa da promessa. [...] Embora o propósito eterno de Deus não nos dê nenhum direito ao benefício, [...] ainda assim o evento, ou o desfrutar dele, é certo graças ao decreto imutável de Deus, ao seu desejo eterno de que assim fosse, ao fato de ele ser a causa primeira e infalível que, no devido tempo, isso se realizará, ou resultará.

Escrito por Richard Baxter, em sua juventude, em um período de duras provações físicas, estas páginas revelarão uma visão de fé penetrante e de desafio para os cristãos de todas as eras... uma interpretação da peregrinação cristã, em que a importância disso só pode ser compreendida à luz do destino eterno.

Nessa condensação de John T. Wilkinson, fundamentada na segunda edição publicada em 1651, nenhuma mudança aparece nas passagens selecionadas do texto original. A grafia e a pontuação foram modernizadas, mas não à custa do movimento principal do pensamento e do estilo do autor.

ISBN 978-85-88515-62-4



9 788588 515624

Shedd
publicações

Literatura que Edifica